

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO NA CULTURA MIDIÁTICA

Aluno: Danilo de Oliveira Pereira

Orientador: José Carlos Rodrigues

Introdução

Foi realizada parte de um estudo a respeito da espetacularização da morte que busca saber até que ponto as teorias clássicas sobre a morte se aplicam a uma nova tendência, por parte da mídia, de espetacularizar a morte de celebridades e de mortes em acidentes de grandes proporções. Todos se lembram por exemplo, da morte de Michael Jackson, ou da explosão das torres gêmeas nova-iorquinas.

Novas tendências espetaculares também têm aparecido nos funerais pelo mundo. As casas funerárias começam a oferecer um novo tipo de velório. Este é parecido como uma festa, onde os parentes do falecido se encontram e fazem uma espécie de “culto à personalidade”[1]. Nesses eventos, ninguém fala de morte nem de nada que esteja associado ao assunto. O defunto é tratado, como técnicas como a tanatopraxia, que fazem com que ele pareça vivo, chega até a ser embalsamado para ficar parado fazendo algum gesto, lendo um jornal ou até mesmo em cima de uma moto. Tudo se parece muito com uma festa de despedida, embora seja, como diz Rodrigues, “uma despedida de quem não partiu”[1]. E vai adiante “O patético é que esse vivo-quase-morto na verdade é um morto-quase-vivo: tenta falar ao telefone, não o consegue; finge que assina um cheque, não o faz; abre ostensivamente as folhas de um jornal, não as lê...”[1]. Assim, os participantes saem da ocasião com a “imagem de alguém vivo - não a de um cadáver”[1].

Em outras versões, temos os *drive-thru funerals*, estabelecimentos onde se pode passar de carro e apenas assinar o livro de condolências, sem nem precisar sair do carro. Ou então a versão *online*, que não exigem nem a ida ao volante, pois pode-se participar do velório sem mesmo sair de casa[1].

Um outro exemplo seria o das redes sociais. O que acontece com o perfil das pessoas nessas redes depois que elas morrem? Em alguns casos, eles se tornam verdadeiros memoriais, onde se pode deixar mensagens para o falecido, como se ele ainda estivesse vivo e pudesse lê-las.

Para Rodrigues [2], esse momento pode ser chamado de uma revolução fúnebre, onde a morte, que sempre foi considerada algo importante na sociedade, passa a ser “olhada com aparente indiferença, desaparece no mundo do dia-a-dia, está em vias de tornar-se nada”.

Objetivos

Ao mesmo tempo há uma tendência dos meios de comunicação de transformar a morte em notícia e entretenimento. Essa tendência, de certa forma, contraria a teoria clássica que mostra um afastamento social da morte. Será que esta espetacularização da morte aponta uma nova direção? Será que os meios de comunicação estão tornando a morte mais pública?

Numa sociedade espetacular, da mesma forma que se espetacularizam outros rituais, surgem também novas práticas que mostram a espetacularização dos funerais de pessoas comuns. Qual é a relação entre a espetacularização midiática da morte e a dos rituais fúnebres?

O trabalho visa, portanto, compreender até que ponto as teorias clássicas a respeito da morte se aplicam à novos tipos de representação da morte que tem surgido.

Metodologia

O estudo começou com o levantamento de dados pela internet. Esses dados são de empresas funerárias, que hoje oferecem serviços especializados nesse tipo de cerimônia, como o complexo funerário Orlando Pagnozzi, em Botucatu, SP, o Crematório Metropolitano Primavera, em Guarulhos, SP, a Central de Luto Apóstolo Tiago em Caçador, SC. Algumas empresas do setor chegam a oferecer serviços de transmissão de velórios online. Outros dados são de notícias de jornais, que mostram também a espetacularização da morte de pessoas comuns como rituais excêntricos, como a morte de um motociclista de 22 anos, em Porto Rico, que foi embalsamado em cima de sua moto, ou do defunto, na Colômbia, que foi levado por outros torcedores para assistir um jogo de futebol. Durante essa pesquisa, se notou também a tendência de espetacularização da morte na internet, com o surgimento de redes sociais específicas para mortos e o crescente interesse, de pessoas comuns, pelos perfis de pessoas mortas. Também foram buscados outros estudos relativos à espetacularização da morte que possam contribuir com outros olhares sobre o tema.

Conclusão

Até o momento, se concluiu que espetacularização da morte se encontra dentro da tendência de afastamento social da morte. O burguês alimenta o sonho de que, mesmo depois de morto seu corpo continue a marcar a “individualidade de seu proprietário” [3]. Por não aceitar a morte, ele transforma seu funeral em um espetáculo, onde são ressaltados suas características individuais, seu time preferido, ou qualquer outra coisa que represente sua identidade. O funeral espetacular é, portanto, o funeral do morto que não quer morrer e busca ser reconhecido como vivo. Para tanto, ele se transforma em imagem, em representação. Só assim, como dizem alguns anúncios de funerárias, a família pode se sentir mais tranquila. Seguindo essa estratégia, ela afasta a morte do outro e, como consequência, não precisa se confrontar com a sua própria. Assim os parentes ficam livres para continuar vivendo como seres amovíveis e a morte pode continuar sendo tabu, só que agora às vistas de todos.

Portanto, esses novos fenômenos de espetacularização podem ser explicados parcialmente pelas teorias clássicas, embora ela precise de alguns adendos.

Bibliografia

- 1- RODRIGUES, José Carlos. **Silêncio e espetacularização**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 20., 2011, Porto Alegre. *Anais...*Porto Alegre, 2011.
- 2- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- 3- RODRIGUES, José Carlos. **Comunicação e significado: escritos indisciplinados**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.